

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

AGOSTINHO, Márcio Roberto
Mestre em Ciências da Religião – MACKENZIE – SÃO PAULO/SP – BRASIL
Coordenador do Curso de Psicologia - FASU/ACEG – GARÇA/SP – BRASIL
e-mail: casteloagostinho@yahoo.com.br

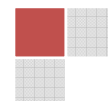
1. IDENTIDADE DA OBRA

AZEVEDO, R. A. **O que é religião?** São Paulo: Loyola, 1999.

2. NOTÍCIAS SOBRE O AUTOR

O Dr. Rubem Alves de Azevedo nasceu em Boa Esperança/MG, em 1933. É considerado um dos maiores teólogos do nosso século. Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Sul, de Campinas. Mestre em Teologia pelo Union Theological Seminary de New York e doutor em Filosofia pelo Princeton Theological Seminary, de Princeton. Alves é um homem de grande erudição, foi professor de Sociologia na Universidade de Campinas, tendo lecionado, também, em universidades dos Estados Unidos.

Sua produção teórica é, extremamente, expressiva consolidada em inúmeras obras que versam sobre diferentes assuntos, que abrangem temas infantis, científicos, educacionais e, hoje, mais sobre a arte e a poesia. Sempre se percebe, em seus escritos, uma atenção voltada para o tema da teologia, esta, numa perspectiva antropológica, ou seja, sai do cenário abstrato, do conceito “revelação” para uma compreensão humana, produzida pelo homem e no homem. Rubem Alves começou sua vida como Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, depois tornou-se professor, psicanalista, poeta, compositor, hoje, escritor e conferencista. Ainda vive e mora na cidade de



Campinas, no Jardim Guanabara, e continua sua trajetória como palestrante e escritor.

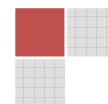
3. BREVE RESUMO DA OBRA

A temática do livro gira em torno da pergunta: O que é Religião? que, também, é o próprio título do livro em pauta. Está dividido em oito capítulos. Do início ao fim, o autor desenvolve o assunto em uma linguagem simples, escrita clara, direta, muitas vezes poética, com um estilo de escrita em que questiona e, ao mesmo tempo, responde; os capítulos têm ligações entre si, formando um todo coerente na obra. O discurso transcorre em termos existenciais, filosóficos e humanísticos, embora, em alguns capítulos, permita a linguagem científica e a poesia se manifestarem sobre o tema da Religião.

O enfoque, portanto, é na abordagem da Religião como expressão do homem, desde os primitivos até o homem moderno, do mundo religioso da Idade Média até o mundo secularizado, que caracteriza nossa época. Alves defende que a experiência religiosa ou a religião não se extingue por conta de ainda existir o homem. Afirma isso por entender que tal experiência com o sagrado é algo característico do homem.

A conceituação da Religião é descrita como teia de símbolos, rede de desejo, confissão de espera, horizonte de horizontes.

A própria criação da cultura por parte do homem é, na verdade, uma tentativa de criar os objetos para satisfazer seus desejos pessoais e os coletivos. Neste caso, a Religião é a idéia do sagrado atribuído às coisas, aos objetos, aos gestos e às palavras (linguagem), de tal forma que estando em contato com tais coisas, o ambiente ganha uma atmosfera religiosa. O mundo foi criado a partir dessa visão bipartida: o sagrado e o profano.



3.1. Aspecto mais interessante

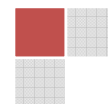
A sugestão feita pelo autor, utilizando o pensamento de Albert Camus, de que o homem é uma criatura que se recusou a ser como os animais: “O homem é a única criatura que se recusa a ser o que ela é”(p.16). No sentido de que os animais adaptaram-se ao mundo a partir de sua estrutura biológica fechada, estruturalmente, pré-determinada. No mundo deles, não se tem perguntas e, por isso, não buscam e não precisam de respostas. Não têm liberdade para criar. Diferentemente, ocorre com o homem. Este é uma criatura desadaptada ao mundo. Sua estrutura biológica não o abandonou de todo, mas ela diz muito pouco acerca do que ele fará, desejará e construirá.

O fato, então, é que os homens se recusam a ser o que são à semelhança dos animais, se tornando inventores de mundo, ao buscar respostas para suas inúmeras perguntas. O imperativo da sobrevivência que reina supremo no mundo animal, o corpo já não tem a última palavra quando se trata do homem. Este é um ser de desejo e que passa a ser inventor de mundos para criar os objetos de seu desejo.

3.2. Aspecto mais importante

O trecho em que o autor discorre sobre o assunto, levando-o para a compreensão de que a Religião é mais uma resposta apaixonada do homem pela esperança: esperança por um mundo com sentido. A Religião fala sobre o sentido da vida, âncora de desejos, busca pela completude, realidades pelas quais se anseia. Ela declara que vale a pena viver. Que é possível ser feliz e sorrir (p. 115 – 126).

Segundo o autor, neste aspecto se encontra a razão por que as pessoas continuam a ser fascinadas pela Religião, a despeito de toda crítica que a Ciência lhe faz. Esta coloca-nos diante de mundo mecânico, explicado, tecnicamente manipulável, mas vazio de significações humanas. Com seu



conceito de verdade comprovada, observada em seu rigor metodológico, acaba, muitas vezes, exilando o sagrado do cotidiano. Por mais que uma análise científica seja completa, não se encontra, ao final dela, o que seja o sentido da vida, elemento este ardentemente desejado pela alma religiosa.

4. METODOLOGIA

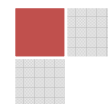
O método de abordagem adotado por Rubem Alves utiliza-se das conclusões da Filosofia, da Ciência, da Sociologia, da Psicanálise e da Antropologia, mas sem se fixar em qualquer uma delas, antes, busca esclarecer a temática a partir desses vários pontos de vista, correlacionando os pensamentos entre si.

Feito isso, o autor apresenta o seu próprio pensamento, sem a preocupação com o rigor científico, desvinculando-se de qualquer quadro das disciplinas do conhecimento utilizadas por ele; sugerindo, com isso, a compreensão da temática pelo aspecto poético, filosófico, humanista-existencial, uma vez que o homem cria os seus deuses para satisfazer as próprias aspirações e desejos de um mundo melhor, de valores elevados que lhe conceda sentido, realizações e vislumbramento de novos horizontes.

O homem concreto – vivendo sua problemática existencial busca, constantemente, preencher o vazio e a frieza do mundo numa aposta apaixonada pela esperança.

5. CONCLUSÕES POSSIBILITADAS PELA LEITURA DA OBRA

5.1. Com base na abordagem filosófico-antropológica, a temática da Religião pode ser entendida como um fenômeno produzido pela alma do homem.



5.2. O autor sugere que enquanto o homem existir, a Religião continuará com ele como expressão de amor, de esperança e, também, como expressão de medo, constituindo-se, dessa forma, um fenômeno muito mais próximo de nossa experiência pessoal do que podemos imaginar.

5.3. Vivenciar a Religião é apostar na esperança sobre este mundo, muitas vezes, frio e sem sentido. É correr o *risco* ao lado da esperança, ao invés de viver na *certeza* de um mundo sem deuses e sem horizontes mais elevados.

5.4. Conquanto a Ciência tenha seu papel importante neste mundo, as questões últimas da existência não são encontradas nela. Então, deve ceder lugar, em muitos momentos, para a alma religiosa, pois nesta, habitam desejos, anseios, esperas, impulsos para além do aqui-e-agora. Por isso, a Religião não se extingue e não se extinguiu como alguns pensadores do século XVIII profetizaram. Pode até ser que ela tenha mudado, tomado roupagens diferentes, novos rótulos, travestida, muitas vezes, por meios e símbolos secularizados, mas continua presente no homem. Este, entendido como um ser de desejo, inventor de mundos, construtor de horizontes, visualizador de seres, entidades e coisas abstratas, não comprováveis pelo rigor científico, porém, crido pela alma religiosa. A presença de tais coisas na vida do homem se faz observável a partir de seus comportamentos e de sua linguagem.

